



“Posso ajudar?”

CRÔNICAS

Leia com atenção a coletânea a seguir para elaborar seu texto.

Texto 1

Palavras que ferem, palavras que salvam

“Posso ajudar?” Eis duas palavrinhas que nos soam mais que familiares. Entra-se numa loja e lá vem: “Posso ajudar?”. Está desencadeado um processo durante o qual não mais conseguiremos nos livrar da prestimosa oferta. Ao entrar numa loja, o ser humano necessita de contemplação. [...] A turma do “posso ajudar” não deixa. Mesmo que se diga “Não, obrigado; primeiro quero examinar o que há na loja”, ela só aparentemente entregará os pontos. Ficará por perto, olhando de esguelha, como policial desconfiado. [...]

Ainda se fossem outras palavrinhas — “Posso servi-lo? Precisa de alguma informação?” Não; o escolhido é “posso ajudar”, traduzido direto do jargão dos atendentes americanos (“May I help you?”). A má tradução das expressões comerciais americanas já cometeu uma devastação no idioma ao propagar o doentio surto de gerúndios (“Vou estar providenciando”, “Posso estar examinando”). O “posso ajudar” é algo parecido. [...]

[...] algo mais irritante do que “posso ajudar” é o “é só aguardar”, próprio dos lugares em que se é obrigado a esperar para ser atendido. [...]

Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 25 mar. 2009.

Texto 2

Um fenômeno interessante da literatura brasileira é a persistência da crônica. Antes se chamou folhetim, e sempre achou quem a cultivasse com tão boa mão, que os seus produtos, efêmeros em teoria, se reúnem não obstante com felicidade no livro, resistindo bem à prova deste veículo de escritos destinados a vida mais longa. As de Alencar são muito boas; são excelentes as de Machado de Assis e Olavo Bilac; as de João do Rio ainda se leem com prazer.

Embora seja imprudente comparar sem a perspectiva do tempo, talvez se possa dizer que estamos no período áureo da crônica brasileira. Mesmo porque só agora tem sido cultivada como gênero autônomo, capaz de absorver vocações que até aqui preferiam realizar-se noutros, tomando-a como linha auxiliar. É notadamente o caso de Rubem Braga, que se realiza como escritor de alto porte sem deixar os seus limites. Outros, todavia, encontram nela válvula para componentes secundários da personalidade literária, e, sem nela se fecharem, trazem-lhe contribuição de igual nível. Em consequência, ela se vem tornando um dos ângulos mais vivos do panorama literário.

Antônio Cândido. *Textos de intervenção*.

Texto 3

A crônica se destina à publicação em jornal ou revista. Por isso mesmo, já se pode deduzir que deve estar relacionada com acontecimentos diários. Diferencia-se evidentemente da notícia, pois não é feita por um jornalista e sim por um escritor, mas se aproxima de sua forma. É o acontecimento diário sob a visão criativa do escritor. Suas personagens podem ser reais ou imaginárias. Não é mera transcrição da realidade, mas sim uma visão recriada dessa realidade por parte da capacidade lírica e ficcional do autor. Normalmente, por se basear em fatos do cotidiano, ela tende a se desatualizar com o passar do tempo. Nem por isso deixa de perder seu sabor literário quando agrupamos um conjunto delas em um livro.

O cronista é essencialmente um observador, um espectador que narra literariamente a visão da sociedade em que vive.

[fatoshttp://www.protexto.com.br/texto.php?cod_texto=7](http://www.protexto.com.br/texto.php?cod_texto=7) do dia-a-dia.

Proposta de redação

Na coletânea lida, você tem um exemplo de crônica jornalística e definições de teóricos sobre o que é uma crônica. Durante suas aulas de redação, com certeza, você também já se informou sobre as qualidades que deve ter essa modalidade de texto bastante explorada nos vestibulares, principalmente nas questões de interpretação de textos ou redação. Agora é sua vez de produzir uma crônica. Reproduza uma situação do dia a dia, de forma bem humorada, numa linguagem leve. Procure usar diálogos que caracterizem as personagens e não ultrapasse 30 linhas. Dê um título sugestivo.

Neusa Maria Araújo
Professora de língua portuguesa no ensino médio
agosto/2009